



Diálogos e trocas de experiências em Agroecologia: intercâmbio entre agricultoras e agricultores das feiras agroecológicas do bairro da Várzea, Recife – PE.

Dialogues and exchanges of experiences in Agroecology: exchange between farmers of agroecological fairs of the Varzea neighborhood, Recife – PE.

MELO, Everton¹; PEREIRA, Mônica²; MELO, Emely³; TAVARES, Raíra⁴; FONSECA, Frederico⁵

¹Universidade Federal de Pernambuco, evertonemelo@gmail.com; ²Universidade Federal de Pernambuco, monicacoxbp@gmail.com; ³Universidade Federal de Pernambuco, emelychristinegeo@gmail.com; ⁴Universidade Federal de Pernambuco, rairapereira92@gmail.com; ⁵Universidade Federal de Pernambuco, fredericofonseca91@gmail.com

Eixo Temático: Construção do conhecimento agroecológico e dinâmicas comunitárias

Resumo: Esse relato de experiência versa sobre a construção e realização de um intercâmbio entre feirantes, agricultoras e agricultores camponeses que se articulam, produzem e comercializam a partir da agroecologia, com a participação de associações de produtores de base ecológica e dos consumidores das feiras agroecológicas do bairro da Várzea, Recife – PE. Essa experiência foi responsável por aproximar agricultores/as de realidades distintas, bem como promover o diálogo de saberes entre as comunidades e a universidade.

Palavras-Chave: soberania alimentar; diálogo de saberes; agricultura camponesa.

Keywords: food sovereignty; dialogue of knowledge; peasant agriculture.

Contexto

A organização da experiência foi iniciada pelos integrantes do NEPPAG no decorrer do 2º semestre de 2018 com o objetivo de promover a aproximação e a interação entre as agricultoras e agricultores do bairro da Várzea e entorno. Inicialmente realizamos um estudo da/na área e um levantamento das feiras agroecológicas existentes no bairro. Após o levantamento das feiras, organizamos um cronograma de execução das ações com vistas a otimizar o tempo disponível. Realizou-se visitas periódicas nas feiras com base no cronograma, além de entrevistas abertas e aplicação de um questionário para o levantamento de dados referentes a dinâmica das feiras, bem como das agricultoras e agricultores, os modos de produção e comercialização, e as associações das quais fazem parte. Participamos de uma assembleia com os organizadores e feirantes do Espaço Agroecológico da Várzea no sentido de articular a construção da experiência.

Descrição da experiência

A realização da experiência decorreu da metodologia da escuta e da observação preconizada pelo NEPPAG tendo como base Paulo Freire (2010). Decerto essa metodologia foi responsável pela promoção das trocas de experiências e pelo diálogo



dos diversos saberes que atravessaram todo o encontro e, por conseguinte, todas e todos os presentes expuseram suas considerações sobre os temas discutidos.

O intercâmbio se iniciou com um café da manhã coletivo, momento em que integrantes do NEPPAG AYNi, dos/das feirantes e os consumidores puderam prosear e partilhar saberes. Em seguida, foi iniciada uma roda de partilha de diálogos com todos e todas presentes no intercâmbio. Houve um momento de apresentação, em que cada um/a falou seu nome e um pouco de sua experiência como participante de feiras agroecológicas. Estiveram presentes as seguintes instituições: Associação de Produtores Agroecológicos de Imbé, Marrecos e Sítios Vizinhos (ASSIM), Associação dos Agricultores Agroecológicos do Município de Chã Grande (Nova Visão), Associação dos Agricultores das Amoras, Associação Agroecológica Terra e Vida, Associação dos Agricultores e Agricultoras Agroecológicos de Bom Jardim (Agroflor), Espaço Agroecológico da Várzea (EAV), NEPPAG Ayni/Geografia – UFPE, Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá e consumidoras/es das feiras.



Realização da Feira do Espaço Agroecológico da Várzea e do Intercâmbio.
Foto: Everton Melo

No primeiro momento discutimos sobre a importância da articulação entre a universidade e as feiras, visto que percebemos que na universidade não havia um diálogo frequente com os/as feirantes e a nossa ideia foi promover essa discussão, promover aproximação e interação com as/os consumidoras/es e agricultoras/es do bairro da Várzea e entorno desde o Neppag Ayni.

A agricultora Maria José (ASSIM), ao ser questionada sobre o EAV mencionou que “as barracas dos beneficiados e as hortaliças juntas estavam muito interessante, harmoniosa e diversificada”, ela ainda destacou que o lugar escolhido para sediar a feira era uma boa ideia, uma praça que dava ampla visualização e bem organizada. A agricultora Iracema (ASSIM) destacou a diferença entre as feiras da UFPE e do EAV. Na universidade, as barracas ficam uma ao lado da outra, pois estão localizadas em um estacionamento, já no EAV as barracas ficam uma de frente para a outra, segundo ela, essa disposição é mais vantajosa porque proporciona mais interação entre todas/os presentes. Alguns consumidores destacaram que o EAV é um local para além da compra e venda, mas também de encontro, atividades culturais, de se



conhecer pessoas visto que “é muito importante estimular esse sistema, essa energia, essa vocação que as feiras tem para ser um local para além da compra e venda”.

A agricultora Marluce (Agroflor) explicou como funciona a coordenação do EAV, segundo ela, toda a coordenação está dividida entre as/os agricultoras/es do EAV e colaboradores. Existe tesoureiras/os, secretárias/os e conselheiras/os fiscais, regimento interno e marketing no instagram e facebook, e também acontece uma reunião ao final de toda feira para discutir as problemáticas do dia.

A agricultora Maria Jose mencionou que nas feiras da UFPE não tem um documento que legitime a utilização daqueles espaços pelas/os feirantes, o receio delas/es é que a mudança na administração afete as feiras e um documento impediria que isso acontecesse. Os agricultores da associação ASSIM que atuam na feira dentro da UFPE possuem fundo de feira, todas as bancas contribuem com uma taxa. Na feira da FIOCRUZ também existe fundo de feira e regimento, houve um acordo com a FIOCRUZ, e a instituição cedeu as barracas para as/os feirantes. Senhor Fernandes, coordenador da associação Nova Visão, que atua na feira da FIOCRUZ, falou que sente que as feiras ainda são pouco divulgadas dentro da UFPE, e que o mesmo não sabia que existia uma feira agroecológica no Hospital das Clínicas.

Seu Chico (agricultor da associação Amoras), falou da felicidade que é trabalhar nas duas feiras (Centro de Biociências (CB) – UFPE e EAV), “o problema do EAV é a falta de estrutura física, não tem banheiro e não tem uma torneira, não tem lugar para tomar banho. No CB tem essa estrutura. No EAV me sinto muito mais à vontade com os clientes, com a música, com a festa”. Maria José falou que na feira do Centro de Ciências Sociais Aplicada (CCSA – UFPE) eles têm problemas com o sol e com outras barracas, “as hortaliças vão perdendo água muito rápido e ficam murchas ainda na feira, além do que, tem outras barracas no entorno da feira que não vendem produtos agroecológicos e acaba misturando um pouco o significado do trabalho realizado. Também tem a questão da documentação, pois já temos 11 anos de feira no CCSA sem documentação alguma”.

Davi Fantuzzi, coordenador do Centro Sabiá, destacou que “as feiras agroecológicas não são feirinhas, não são as feirinhas dos agricultores”. Esses espaços têm funcionado na cidade como “equipamentos públicos de abastecimento alimentar, da mesma forma que o mercado público está dentro da lógica da política pública”. Ainda segundo Davi, existe um órgão responsável por esses mercados e pelas feiras, mas “não existe compreensão da gestão pública do município sobre as feiras agroecológicas e sobre equipamentos de abastecimento alimentar” e, por conseguinte, como não existe essa compreensão, não existe também o banheiro público como Seu Chico mencionou durante o diálogo, não existe o olhar da prefeitura. De acordo com Sá (2015, p. 5), “é importante destacar que tornar os alimentos agroecológicos mais acessíveis à toda população passa por uma mudança na forma com que o poder público compreende as feiras agroecológicas”. Davi reforça que é “preciso falar sobre isso, a academia precisa escrever sobre isso, a gente precisa chamar os órgãos públicos, conversar com o vereador do bairro”. Sinalizou também que existe uma lei muito antiga, secular e municipal na cidade do Recife que proíbe



feiras em praças públicas. A agricultora Marluce disse que “apesar disso o Espaço Agroecológico da Várzea decidiu correr esse risco”.

Para a organização e realização do intercâmbio alguns desafios se apresentaram. Tais desafios se deram em função sobretudo da limitação do recurso. Tivemos dificuldade em face dessa limitação na compra de material para a execução das atividades. Outra dificuldade enfrentada foi em relação a disponibilidade dos agricultores na participação do intercâmbio e do transporte para a logística do encontro. Intentando superar tais desafios, sobretudo relacionado aos recursos, realizamos de forma coletiva a construção das atividades, compartilhando e diminuindo os custos das mesmas, a exemplo disso, o café da manhã com as/os agricultoras/es no intercâmbio foi compartilhado entre todas e todos. Relacionado à disponibilidade das agricultoras e agricultores, buscamos por meio do estreitamento do diálogo e em face da própria demanda delas/es selecionar os representantes das/os feirantes e das associações que fariam parte da experiência. Referente à logística, as agricultoras que se deslocaram do interior do estado no sentido da região metropolitana do Recife aproveitaram o transporte da associação que fazem parte, solucionando com isso a questão do deslocamento.

Por fim, salientou-se a considerável importância desse momento para a troca de experiências e saberes, para o fortalecimento desses equipamentos de abastecimento alimentar e da agroecologia, bem como para a socialização entre feirantes e consumidores, um espaço que vai muito além da relação de consumo, mas sobretudo para a construção de laços entre os diversos sujeitos envolvidos na experiência em tela.

Resultados

A realização do intercâmbio entre as agricultoras e agricultores foi sobremaneira relevante para fortalecer a agricultura familiar de base agroecológica, mas sobretudo para aproximar os participantes criando, nesse sentido, um espaço de diálogo e trocas de experiências e saberes, onde os mesmos puderam trazer importantes reflexões sobre seus desafios e perspectivas, bem como convergir na busca de soluções para os problemas enfrentados no âmbito das feiras da Várzea e, não menos importante como resultado desse processo, a continuidade do trabalho de comunicação e extensão produzido com as comunidades envolvidas.

Houve um processo de valorização da história e do acúmulo do conhecimento agroecológico constituído nas experiências dos agricultores e agricultoras. Permitiu-se construir diálogos de saberes entre universidade e comunidades, dando centralidade a participação dos estudantes, das mulheres e da juventude, tanto na universidade quanto nos espaços de feiras (Pereira, 2016).

Por fim, se constituiu um processo de sensibilização para uma miríade de potencialidades ecológicas, tais como: o estímulo à participação nas feiras agroecológicas e o consumo de alimentos saudáveis diretamente dos agricultores e



agricultoras valorizando a soberania e segurança alimentar no campo e na cidade, bem como fortalecendo a agroecologia.

Como sugestão de uma das agricultoras participantes, deixamos um breve relato onde Maria José, da associação ASSIM, ressalta a importância da realização de intercâmbios agroecológicos: “foi uma experiência única, apesar que a nossa feira já faz 11 anos que acontece aqui na Universidade Federal, de frente o prédio do CCSA, antes nunca tinha acontecido um momento como esse onde a gente pôde trocar experiências, observar os pontos positivos que a gente conquistou até hoje e também os negativos aonde a gente pode estar melhorando esse espaço de feira. Que formas podem ser discutidas, podem ser melhoradas e, com isso, os agricultores cada vez mais possam se sentir satisfeitos onde eles trazem a sua produção e conseguem estar comercializando de forma justa, um preço justo e também podendo cada vez mais ter uma renda melhor”.

Referências bibliográficas

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 2010. (Col. O MUNDO, HOJE).

PEREIRA, Mônica Cox de Britto. Agroecologia na formação universitária: da ecologia à Agroecologia e do ecossistema ao agroecossistema. **Cadernos de Agroecologia**, [S.l.], v. 11, n. 1, junho 2016. ISSN 2236-7934. Disponível em: <http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/20881>. Acesso em: 5 mar. 2019.

SÁ, Gleyciane Ferreira Cavalcante de et al. Preço dos alimentos agroecológicos (orgânicos): Elementos para desconstrução de um mito. 2015. In: II Seminário Internacional de Agroecologia, III Seminário de Agroecologia de Pernambuco e a II Jornada dos Povos de Pernambuco. Disponível em: https://asabrazil.org.br/images/UserFiles/File/Preco_dos_alimentos_agroecologicos_.pdf. Acesso em: 3 jun. 2019.